

|           |        |        |       |            |      |                |
|-----------|--------|--------|-------|------------|------|----------------|
| POLIFONIA | CUIABÁ | EdUFMT | V. 13 | p. 125-141 | 2007 | ISSN 0104-687X |
|-----------|--------|--------|-------|------------|------|----------------|

**EM BUSCA DOS SUJEITOS PROTOMUTANTES:  
A DENEGAÇÃO DO MITO DAS ESTRATIFICAÇÕES**

**Valdemir Miotello\***  
**Kátia Vanessa Tarantini Silvestri\*\***

“O desejo é a própria essência do homem”  
(Baruch Spinoza)

**RESUMO:** Em tudo há o nome! Montaigne assim já afirmava. Aqui dois nomes, duas nomeações, classificações, distinções fazem-se pertinentes: de um lado, o limite, a castração, a territorialização, o padrão, o medo e, de outro, o desejo, a desterritorialização, a criação de si mesmo, o corpo subversivo, criativo, lúdico. Essas noções não são binárias, antes e essencialmente estão em jogo, tensionadas. A lógica binária – dualista – pertence a uma visão molar, estruturada, estratificada; a lógica aqui refletida visa às relações, as *n* articulações, cujo fim não é o indeterminismo ou relativismo, mas, sim, o perspectivismo. Não se quer abolir uma forma já estruturada, objetiva-se movimentá-la, revisá-la, recriá-la. No cenário contemporâneo, os corpos, as subjetividades sistematizam-se desde as noções estratificadas do significante, do organismo e da subjetividade. A intenção aqui é demonstrar a máquina de captura por detrás dessa lógica binária, vislumbrando os cadeados e suas chaves, os limites e os limiães. Colocar-se em outro ângulo, olhar por outra perspectiva, eis a atividade para a

---

\* Professor do Departamento de Letras e do Mestrado em Lingüística da UFSCar, líder do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, do CNPq.

\*\* Filósofa, membro do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGE e professora da Rede Estadual de Ensino de São Paulo.

criação de corpos protomutantes, eis o desejo que une os nomes aqui relacionados.

**PALAVRAS-CHAVES:** subjetividade, capitalismo, estratificação

### **IN SEARCH OF PROTOMUTANT SUBJECTS: DENEGATION OF THE MYTH OF STRATIFICATIONS**

**ABSTRACT:** There is a name in everything! That is what Montaigne used to say. Here two names, two nominations, classifications, distinctions are made relevant: on one side the borderline, the castration, the territorialization, the pattern, the fear, and on the other side, the desire, the desterritorialization, the creation of self, the subversive, creative, playful body. These notions are not binaries; they are, before and essentially, in shock to each other, tensioned. The binary logic – dualist – belongs to a naïve, structured, stratified point of view; the logic we are discussing here aims at the relations, the articulations whose end is not the indeterminism or the relativism but the perspectivism. We are not trying to abolish a form already structured, we intend to move it, revisit it, recreate it. In the contemporary scenario, the bodies, the subjectivities systematize themselves from the stratified notions of significant, organism and subjectivity. The intention here is to show the dust-capture machine behind this binary logic, looking to the locks and the keys, the borderlines and the threshold. Looking from a different perspective, here it is the activity to create protomutant bodies, here it is the desire that puts together the names here related.

**KEYWORDS:** subjectivity, capitalism, stratification

## 1. Preâmbulo: desjejum

“No início era o verbo, e o verbo se faz carne”. Você conhece antropologia mais sofisticada, pois simples, precisa, direta e completa, do que a resumida nessa frase?

No início era a palavra; o som, o ar que invade, penetra os pulmões, esse invisível misterioso que, ao sair dos pulmões, torna-se signo. O ar em si mesmo é um ícone que nós, pela inteligência, tornamos linguagem, tornamos símbolo: a presença de uma ausência, convenção, criatividade, imaginação. A palavra, o signo, é uma transcendência do corpo, uma ultrapassagem, um além de si mesmo. A palavra é filha do som. Sem ar, sem respiração, não há palavras, não há fala. O som torna-se fonema, o fonema torna-se palavra<sup>1</sup>.

A angústia não é nada mais do que a ausência de ar, o ar bloqueado, impedido, o contato direto com coisas do mundo. Angústia é pouca respiração, é o que nos faz perder ar, ficar sem fôlego, não achar as palavras.

As palavras tornam-se carne. A mãe, que deseja o filho, olha para o ventre ainda murcho e diz: tu serás Fulano! No começo, o *a priori* é palavra, que dá nome, que aponta o ainda-não. A concretude, o perecível, o efêmero ainda desejado ganha corpo, ganha consistência, torna-se carne. O verbo torna-se carne. Só existe o que é, e o que é, para ser, tem de ter nome. Aquilo que não tem nome, não é; e tudo o que tem nome existe.

Desta forma, nós, seres humanos, somos uma metalinguagem. Uma linguagem de uma outra linguagem. Uma interpretação posterior ao primeiro desejo nomeador. Uma

---

<sup>1</sup> Como salienta Gaiarsa (1986), a religião e a respiração estão ligadas, ou antes, a religião é uma decorrência artística da constatação da respiração. Diz ele que a noção de espírito nasce da observação do corpo que está morto. Os antigos, ao constatarem que quando o corpo não respira está morto, associaram o ar, esse misterioso invisível, ao que permite, doa a vida. Assim, espírito (vento ou “que sopra”) e alma (sopro ou hálito), respectivamente do latim e hebraico, designam essa antropologia essencial. Portanto, é como “se pelo invisível do ar chegassem a nós pensamentos de sabedoria” e, portanto, os antigos sentiam que “suas palavras eram uma espécie de música produzida por alguma espécie de instrumento de sopro interior – mas o próprio sopro, ele também invisível. Assim nascia um dos mais profundos mistérios dos homens – a palavra” (GAIARSA, 1986, p. 69-71).

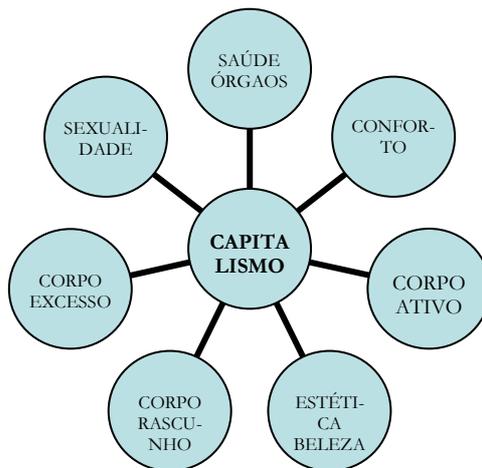
metalinguagem que passa toda a existência se dando mais nomes, mais palavras, mais significados. Passamos toda nossa vida dando conta do que somos, do que fazemos com o que foi feito de nós, diria Sartre. Primeiro a existência, o nome: tu és, portanto, é a existência; e depois a essência, como és, é a compreensão, a interpretação.

Nós interpretamos a nós mesmos, escolhemos as palavras que queremos para designar isso que aqui se encontra: meu corpo, minha carne, as entranhas. A entranha é o lado de fora, pois, “o mais profundo, é a própria pele”, afirma Paul Valéry. Por isso falar, conversar, é como esfregar pele contra pele, diria Roland Barthes. É também provocar o mascaramento: “A linguagem mascara os pensamentos. É precisamente assim que da forma exterior da roupa não se pode concluir para a forma do pensamento vestido; porque o molde exterior da roupa é formado para muitos outros objetivos que o de fazer reconhecer a forma do corpo” (WITTGENSTEIN, 1918, p. 47). É também se mover em território de reconhecimento: “A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira” (BAKHTIN, 1992, p. 100). Mais precisamente,

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 1992, p. 95).

Quando alguém nos sorri e sentimos seu sorriso sincero, sentimo-nos felizes. Nos casos contrários, se alguém nos sorri e seu sorriso em nós se expressa falso, sentimo-nos intrigados e abalados. É claro que existem muitos contextos, mas aqui falamos de momentos inesperados de um sorriso que nos faz bem e de um que mais nos agride do que nos vitaliza. Nossa percepção nem sempre é imediata, nem sempre percebemos o quanto um sorriso pode fazer-nos bem ou mal durante o nosso dia. Mas se

começarmos a dar mais atenção às expressões ao nosso redor, logo notaremos o quanto elas nos influenciam, nos afetam. Vivemos em um único e mesmo plano, vivendo em planos de contextos diferentes. Palavras e gestos são para nós fala viva, captamos um olhar triste de uma pessoa que conhecemos, percebemos um olhar eufórico da mesma pessoa e, com um pouco de cuidado, podemos perceber também tristeza ou satisfação de uma pessoa que conhecemos pouco ou nada. Tudo para nós é discursivo, tudo nos diz algo. Da mesma forma, somos determinados pela fome dos famintos, pelo desemprego, pelas qualidades débeis de vida, da educação, da saúde. Tudo significa; somos constituídos de tudo e por tudo. Nosso corpo está em um cruzamento de acontecimentos discursivos. Essa pluralidade do viver dá pluralidade de acentuação às palavras. É a pluriacentuação; é a plurissignificação; é a polissemia.



O corpo é um aqui presente cuja própria representação viaja do ausente ao prazeroso, do estorvo ao desejado. O corpo delinea-se, particularmente no cenário pós-moderno, como o lugar da experiência da pessoa. O corpo é um princípio gerador do discurso e também um produto dele. Já o corpo do outro é um ali inalcançável e por isso desejante. Só desejamos aquilo que nos

falta, que não temos; o desejo é a falta de algo, a ausência. A ponte entre mim e o outro, entre o aqui e o ali é a palavra, o signo que jogamos juntos (jogo de significar), uns para os outros.

A questão, portanto, que problematizamos é a estratificação, isto é, o uso, a forma comum de entendermos a subjetividade como um dado certo e indubitável, como uma entidade fixa e territorializada. A pergunta delinea-se das seguintes formas: Essa maquinaria territorializante é inexorável? Ou, quais são os discursos fomentadores desse corpo territorializado, estratificado?

Algumas relações podem ser apontadas, construindo um campo de análise. O diagrama demonstra algumas relações vividas em demasia no cenário atual. Duas leituras são possíveis a partir dessa visualização. Uma é negativa, no sentido de ter uma conclusão apocalíptica; outra é positiva, no sentido de não ter uma conclusão, mas, sim, um projeto, uma esperança, um desafio. Uma é, portanto, dialética, a outra não.

A primeira, negativa, olha para esse diagrama e diz: é o fim. O corpo está fadado ao fim. O meu corpo já está se acabando. A segunda, positiva, olha o mesmo diagrama e afirma: é um início, um começo, um novo desafio. A segunda leitura deve nos desafiar e, portanto, devemos buscá-la. Essa busca requer companheiros com os quais possamos dividir a mesma árdua tarefa: um elogio ao corpo e às suas metamorfoses. Eis alguns nomes que entram em sintonia e dialogam quanto à possibilidade de reinvenção ou criação de si mesmo: Deleuze e Guattari, Lévy, Bakhtin, Negri e Hardt. Bakhtin mesmo constrói a categoria do corpo grotesco, disforme, com partes olhadas como função, corpo grávido de uma cultura e de uma sociedade em transformação; e também corpo grotesco porque propriedade do sujeito, lugar da identidade e do auto-reconhecimento, o corpo da forma social. Grotesco ainda porque não é uma imagem distante de um corpo alheio, mas o lugar da realidade das interconexões, das dependências e dos envoltimentos mútuos. Um corpo com “o conjunto das aberturas para a alteridade das quais o nosso “corpo próprio” vive, malgrado as suas ficções auto-suficientes e identitárias”, no dizer de Ponzio (1997, p. 81). Aqui, no entanto, adotamos o termo de “sujeito protomutante” para a análise desse sujeito desterritorializado, isto

é, nas fronteiras de si mesmo; protomutante porque inserido no cotidiano do mundo, lugar onde o sujeito pode quebrar as regras idealistas e também as regras objetivistas do mundo racionalizado. E nesse cotidiano seu corpo exige espaço de sujeito, quebra as relações tradicionais que se dão apenas na oficialidade. O corpo protomutante é o lugar da rebeldia contemporânea, dos desejos soltos, da mais-valia relacional, da cumplicidade com a totalidade. Esse corpo foge da claustrofobia da razão e se ampara no jogo da incompletude do por-vir.

## **2. Em busca de corpos protomutantes**

O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui nem o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas o povo. Um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente. Por isso o elemento corporal é tão magnífico, exagerado e infinito. Esse exagero tem um caráter positivo e afirmativo (BAKHTIN, 1996, p. 17).

A formação subjetiva encontra-se mesmo no contexto da globalização e, talvez, devido a ela própria, mantém-se sedimentada em moldes pré-estabelecidos, definidos desde uma lógica de controle e estratificação. Entretanto, conforme a perspectiva de Negri e Hardt (2005), o sistema do presente instaurou um mundo aparentemente liso em oposição a uma modernidade dialética, binária e estriada. Este plano contemporâneo se diz além de uma dialética entre ordem natural e ordem civil. Se, antes, se separava um espaço das paixões, emoções etc, mesmo que metaforicamente, como o lado de fora (natureza), opondo-se a um lado mais interior (mundo civil e humano), resignado à ordem civil, hoje, no mundo pós-moderno, constata os autores, essa dialética parece substituída por um espaço liso, abarcador, sufocante, sem ar. A oposição entre uma ordem natural e uma ordem civil modificou-se além do campo

psicológico. Todavia, a questão reside no modo como a maquinaria de nossa época instaura esse mundo não-binário e não-dialético. Ainda para esses autores, o modo de ser da lógica do presente tenta ocultar toda a potência, toda a insurreição e poder constituinte por detrás de uma exposição massiva de uma pseudo-realidade, ou seja, tendemos a acreditar que nunca fomos tão desterritorializados, nunca estivemos tão próximos uns dos outros e assim por diante.

Entretanto, mesmo constatando os mecanismos de controle da ordem atual, vê-se uma posição crítica na e pela qual a ordem do presente não é, de forma alguma, um dos piores estados construídos pela humanidade; antes, há nessa relação, nesse modo de ser da sociedade, prerrogativas reais, efusivas, para a criação de um evento emancipador. Pode ser que nada seja o que parece. Emerge, portanto, uma primeira indagação: emancipar o quê? A emancipação não está mais simplesmente na busca por espaços mais híbridos e desestratificados;<sup>2</sup> estes despontam aos *mil platôs*; antes e substancialmente, a emancipação reside num plano mais fundamental, o da ética da singularidade.

Mais precisamente, por que uma fenomenologia da criação, um evento da singularidade precisa ser forjado? Encontra-se uma segunda questão complementar cuja resposta passa pela noção de corporeidade (geração). Um evento faz-se pertinente quando a singularidade, o corpo e a subjetivação tornam-se, eles mesmos, formas de aprisionamento, coesão e alienação do poder constituinte. Quando a identificação (significação e representação de si mesmo) torna-se uma armadura que territorializa corpo e mente e, em decorrência, corpos e corpos/mentes, que neutraliza e aliena os corpos comunicativos, a fim de não permitir que estes se encontrem, se autogerem, exige-se um retorno para a questão da formação ética da singularidade, sua razão e lugar. Vale notar que:

---

<sup>2</sup> A Internet é um espaço híbrido, tanto pela associação entre rádio e TV quanto por ser um espaço de ordem todos/todos, isto é, comunicação molecular.

O território é primeiramente a distância crítica entre dois seres da mesma espécie: marcar suas distâncias. Não quero que me toquem, vou grunhir se entrarem em meu território, coloco placas (DELEUZE e GUATTARI, 1997, Vol. IV, p. 127).

Toda forma de hierarquia, de território, de escalas de poder, enfim, de lógica binária e corrupção – *cum rumpire: separar-se* – é transvalorizada pela desterritorialização. Dessa nova cartografia emerge um pré-sujeito, um corpo nômade, não porque sem território permanente, mas porque capaz de desterritorializar, isto é:

fazer do fora um território no espaço, consolidar este território mediante a constituição de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte (DELEUZE & GUATTARI, 1997, Vol. V, p. 14).

Pode-se indagar: mas como esse encontro, essa hibridização e desterritorialização podem ser problematizados e forjados? Primeiramente, a afirmação acima demonstra que há uma corrupção, ou seja, uma separação entre corpo e intelecto. “É a corrupção que separa um corpo e uma mente daquilo que eles podem fazer” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 412). Essa separação ou corrupção expressa-se na e pela subjetivação, significância e organismo. Quais são os sistemas pelos quais essa estratificação desenvolve-se? Ou, mediante que Outro é constituída essa maquinaria de captura? Eis então que a indagação se estreita e fica o seguinte: uma análise do corpo e da singularidade desde seu Outro co-fomentador aponta para uma relação direta entre capitalismo (forma ocidental de sistema e pensamento) e corpos. Aponta para o capitalismo ou globalização competitiva enquanto o Outro dessa estratificação. Estabelece-se uma tensão entre esses dois pólos e duas formas de analisar a questão são possíveis. Uma dirigir-se-ia à análise negativa dessa relação, incidindo, portanto,

em uma perspectiva cujo construto dá-se em torno de uma dialética. Dessa investigação possível dir-se-ia que a subjetividade está condenada a um tipo de determinação alienante no exato sentido de inoperante quanto a seu próprio *conatus* (potência). Uma segunda postura crítica, e na qual insere-se o objetivo da presente proposta investigativa, compreende essa relação desde uma noção anti-dialética, isto é, não há negativo dessa imbricação, até uma noção extremamente dialógica, pois tudo é positivo quando se entende esse agenciamento de maneira sempre aberta, desterritorializante, desejante e em movimento. Na dialogia nada se perde e os opostos se completam. Essa relação dá conta da proposta de se trabalhar com a multiplicidade e singularidade num mesmo movimento positivo, pois gerador de diferença. O corpo se transforma em pro-criador, e construtor de imortalidade, pelo nascimento de gerações incessantemente renovadas.

A singularidade, portanto, torna-se uma criação, um evento ético quando se tem a possibilidade de se auto-criar (*autopoiésis*) e de criar outros diferentes. Em outras palavras:

o tema não é, pois, simplesmente, o tema do poder e de sua capacidade de construir a subjetividade, mas também, e, sobretudo, o da *resposta ao poder, da resistência por parte do sujeito*: resiste-se somente quando se tem a capacidade de construir-se como sujeito, e é somente assim que se pode falar em estratégias constituintes, em constituição genealógica do sujeito, em êxodo (NEGRI, 2003, p. 182-183, grifo nosso).

Qual é, pois, a forma ou maneira de se construir como sujeito transitório? Ou dizendo de outra forma: como garantir a incompletude do sujeito enquanto ética fundante? Essa criação pressupõe fundamentalmente a noção de singularidade não como auto-fundante – sem a necessidade de uma relação constituinte – mas como uma situação (si – tu - ação) na e pela qual se é sempre pré-sujeito, ou sujeito-para-o-outro. Não há nessa relação um sujeito pronto, estável, satisfeito-para-sempre. Criar-se pressupõe

desterritorializar-se, recusar, desejar, em suma, movimentar-se. Desdobra-se aqui uma teoria do movimento, do rizomático, pois do ontológico, de uma resistência ontológica, visto que o uno é a multiplicidade, é o dinâmico. As duas diametrias ontológicas ficam partidas: a unicidade é múltipla; a multiplicidade é una. Nesse sentido,

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afetos, como eles podem ou não compor-se com outros afetos, com os afetos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (DELEUZE e GUATTARI, 1997, Vol. IV, p. 43).

Essa hibridização ou geração é a derrocada de uma corrupção. Sua possibilidade efetiva-se desde uma desarticulação ou articulação entre muitos pontos, nós, formas e associações. Para tal empreendimento é que uma fenomenologia da criação, uma nova fenomenologia, define-se como a prática ética/estética de *autopoíeses*. Como, portanto, dá-se a possibilidade de *n* articulações? A pergunta vai se apresentando por vários ângulos, mantendo o ponto crucial, a chave de leitura que o projeto invoca, a saber, uma prática de si mesmo, uma ontologia do fazer-se a si mesmo.

Segundo os referenciais teóricos, essa nova fenomenologia propõe mais do que nunca que as experiências, aquelas familiares a um mundo da vida, sejam potencializadas, desfrutadas, experienciadas. O lema é permitir-se, fazer de todo limite limiar, olhar por outro ângulo/prática do olhar; ir a outro lugar/prática da cartografia; instaurar-se sobre outro estrato e experimentá-lo/prática da fuga, êxodo e desterritorialização. Essas articulações visam contestar a lógica da corrupção, ou seja, a de que:

(...) você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão será um depravado – você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante, você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão será apenas um vagabundo (DELEUZE e GUATTARI, Vol. III, 1996, p. 22).

A questão que esses autores spinozistas recolocam é: o que pode um corpo? Em Deleuze e Guattari, um corpo é uma potência incapturável, porque ele é o não-automatizável e o não-hierárquico. O que pode um corpo só o jogo, o movimento e a hibridização poderão dizer. Negri e Hardt problematizam também a questão e afirmam:

Diferença, hibridismo e mobilidade não são libertadores em si, mas tampouco o são a verdade, a pureza e o êxtase. A verdadeira prática revolucionária se refere ao nível de *produção*. [...] Mobilidade e hibridismo não são libertadores em si, mas assumir o controle da produção de mobilidade e de êxtase, de purezas e misturas, sim (NEGRI e HARDT, 2005, p. 174).

Voltamos à questão do controle, da tomada de postura, de escolha, do fazer-se e da *autopieses*. Essa aquisição da criação ou da desestratificação não se refere de forma alguma à noção de territorialização, isolamento, afastamento ou subjetividade auto-fundante – independente da tensão entre corpos e signos; antes, refere-se à capacidade de inventar a si mesmo, afirmar-se como singularidade. Tal movimento não emerge do afirmar-me enquanto eu, num jogo do igual, mas de compreender meu eu como diferente do outro. Como já salientado, inventar a si mesmo permitindo-se, recusando, negando, fugindo, desejando etc. A construção buscada é a do plural, e não do singular. A defesa dessas interações e imbricações fundamenta-se na idéia de que “os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra”

(DELEUZE e GUATTARI, 1997, Vol. V, p. 18). Ou seja, todo afeto produzido por um corpo, todo afeto do qual é capaz uma singularidade, só tem sentido na dobra, na intersecção entre corpos e mentes, desterritorializando estratos, tornando-se nômade, pondo em movimento sedimentações, hibridizando-se e criando outros muitos corpos/singularidades para si mesmo, para seu próprio ser.

Rodopiar em torno do outro, colocar-se por sob outros platôs (intensidades), mexer-se, imbricar-se, constituir-se diferente, é a prática e postura ética de uma fenomenologia da criação, é a cartografia da singularidade e corporeidade ética. Seu lugar necessário é o da alteridade.

### **3. Comunhão – tomai e comei**

Entrego assim meus versos ao mundo, para que devorem meus pedaços. Um banquete de tormentas, desvarios e paixões. Arte é comunhão. Este livro é meu corpo, tomai e comei. Comunguemos (Cristian dos Santos).

“Quem lê bebe o sangue de quem escreveu...” (ALVES, 2002, p. 39), cria com seu outro um corpo mais forte, mais híbrido porque menos territorializado nas formas de ser, dizer e agir.

Mesmo sendo os dias de hoje marcados por uma aceleração contínua (velocidade), territorialização, disputa e medo, entre as palavras de ordem, entre os espaços delimitados, exclusivos, geram-se novos corpos, delinea-se o nascimento de uma geração de corpos *grotescos*, *protomutantes*. Vêm-se palavras como:

Queria que todos nós humanos pudéssemos compartilhar uma só ideologia: a ideologia molecular.

A mídia só nos induz mentiras, não nos deixa agir de maneira correta, nos faz acreditar em coisas como por exemplo: na política que de fato é a ordem policial – molar, corrupta. Tudo o que a maioria das pessoas pensam ser proveniente da política é tudo policia. (...)

Talvez se não vivêssemos numa prisão psicológica, se pudéssemos agir como a política realmente ensina (com cooperação, sem hierarquia dogmatizada, com laços sociais etc), seríamos mais realistas em relação aos fatos.

Só uma pessoa é capaz de se libertar da prisão psicológica, o pensador, o filósofo, talvez pela facilidade de reflexão. (Redação do aluno Adriano Ferreira do 2º ano do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino, 2007).

Ao refletir, ao colocar-se nesse movimento de desterritorialização, ao compreender que temos ainda de inventar certas relações e extinguir outras, o aluno se faz uma dessas pessoas capazes de libertar-se... teoria do êxodo... Essas pessoas são cada vez mais numerosas, uma multidão de corpos desejantes, pois comungam de um mesmo princípio: a fome de novos corpos não hierarquizados, não reprimidos, em suma, não territorializados.

A criação de uma corporeidade – união de um desejo comum de emancipação (intelecto) e dessa carne violada e explorada – está ligada à recusa, ao êxodo, ao amor, enfim, à desterritorialização.

Recusa à determinação, recusa à servidão, recusa à homogeneização, recusa à normalização. Recusar-se sendo contra, opondo-se através da deserção, do êxodo.

A vontade de ser contra precisa, na realidade, de um corpo que seja completamente incapaz de se submeter a um comando. Ela precisa de um corpo incapaz de adaptar-se à vida familiar, à disciplina da fábrica, às normas de uma vida sexual tradicional, e assim por diante (NEGRI e HARDT: 2005, p 236).

Como se consegue esse corpo? Somente nas relações sociais, na interação, na cooperação mútua, na produção de redes cooperativas tão caras aos corpos explorados, é que esse antipoder (resistência, insurreição e poder constituinte) se expressa. Para estes corpos explorados, o antipoder faz parte de suas entranhas tanto quanto o desejo comum (intelecto) de emancipação. A união desses elementos é uma construção lingüística, uma luta signica.

Fazemos política quando buscamos um vínculo de igualdade, quando damos nossa própria opinião, quando discutimos sobre os assuntos. (Reflexão da aluna Evelyn Tuane da Silva Donecrá do 2º ano do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino, 2007).

As palavras criam novos horizontes, novos corpos... Os corpos invadem novos lugares, instauram novos espaços... Os corpos se descobrem novos tal como se manifestam as novas idéias nas corporeidades de garotas/garotos.

Por isso avisamos: andamos em busca daquelas palavras boas de se comer. Queremos alimentar nossos corpos. Queremos comer porque somos feitos de palavras: palavras mansas que se transformam talvez em boas sensações e sentimentos, e palavras cruéis que se transformam talvez em maus e ruins sentimentos. Tudo isso pode se dar invertido. Somos palavras: no início era o verbo, e o verbo se fez carne...

Andamos em busca de palavras boas de se ouvir. Como ensinam os livros sagrados: é preciso saber receber! Estar preparado para trocar! Comum união! Andamos com fome de vocês, que são os outros: fome é vontade, é desejo. Andamos com fome de todas aquelas palavras boas e más que circulam entre nós. Aquelas palavras boas e más de se receber, de se digerir. Nesse caso é bom que nossa digestão seja lenta, muito lenta: para poder apreciar a completude incompleta das palavras ingeridas...

Andamos com apetite (*appetitus*, no latim): nostalgia apaixonada pelo diferente... Para nós essa busca é a do vivido:

saudades de algo já experimentado, já vivido: saudades – fome – desejo de nossos íntimos momentos de alimentação; é colocar para dentro, ingerir, completar-se, sentir-se repleto. Talvez a gente ande comendo muito pouco, ou mesmo muito só, na solidão, tarefa árdua: "Oh! solidão, solidão, meu lar", braveja Nietzsche. Comer é bom em banquete, em multidão. Andamos muito sozinhos pelos caminhos desconhecidos. Andamos gerando... encontramos conforto nas mansas palavras nietzschianas: "o prazer engravida, a dor faz nascer", "pois criar é a grande liberdade da dor e do alívio da vida, mas para o criador existir são indispensáveis muitas dores e transfigurações". Andamos em direção ao outro, que pode ser você, e já avisamos que estamos com muita fome e muito apetite... Não se cuide! Queira ser comida! Exija ser comida! Esse é o começo da mudança, protomutante!

### **Bibliografia**

ALVES, R. *Livro sem fim*. São Paulo: Ed. Loyola. 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. Brasília/São Paulo: Unb/Hucitec 1996.

BRETON, D, Le. *Adeus ao corpo, antropologia e sociedade*. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2007.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vols. I, II, III, IV e V. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, 1996 e 1997.

GAIARSA, J. A. *O que é corpo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HANNA, Thomas. *Corpos em revolta (uma abertura para o pensamento somático)*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Musical, 1972.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

NEGRI e HARDT. *Império*. 7 ed. de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, A. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Minotauro, 1962.

PONZIO, Augusto, CALEFATO, Patrizia e PETRILLI, Susan. *Fundamentos da Filosofia da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1994.